

A RELAÇÃO CRIANÇA E LINGUAGEM A PARTIR DA APROPRIAÇÃO DE DITADOS POPULARES

THE RELATIONSHIP BETWEEN CHILDREN AND LANGUAGE THROUGH THE APPROPRIATION OF POPULAR SAYINGS

Beatriz Ferreira da Cunha Silva Centro Universitário Geraldo Di Biasi, Volta Redonda/RJ, Brasil
beatrizcunhavr@gmail.com

Gabriela de Carvalho Guerra Centro Universitário Geraldo Di Biasi, Volta Redonda/RJ, Brasil
gcguerra2003@gmail.com

Gabriela Pereira Sutil de Carvalho Centro Universitário Geraldo Di Biasi, Volta Redonda/RJ, Brasil
gabrielasutil91@gmail.com

João Miguel da Cruz Silva Centro Universitário Geraldo Di Biasi, Volta Redonda/RJ, Brasil
joaobernardino228@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar e analisar os resultados de uma investigação sobre o repertório linguístico de crianças, a partir de sua apropriação de ditados populares, além de verificar qual o significado produzido pela criança. O projeto fez parte do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Linguagem (NEPSAL) do Centro Universitário Geraldo Di Biasi. A pesquisa, de caráter qualitativo, baseou-se nos referenciais teóricos de Freud e Lacan, entre outros autores, no que privilegiam a dimensão da Linguagem. O estudo enfatizou a articulação entre linguagem, subjetividade e cultura, explorando que, mesmo um ditado popular, transmitido por um grupo cultural, pode apresentar um significado absolutamente singular, principalmente considerando a criança, cuja inserção e apropriação dos elementos culturais está em construção e apresenta um pensamento menos abstrato. Conclui-se que há variáveis temporais e espaciais que marcam as respostas das crianças, mas, sobretudo, a influência de um novo paradigma digital, que afasta as crianças de suas raízes culturais mais ancestrais.

Palavras-chave

Psicanálise, Linguagem, Criança, Ditados populares, Cultura.

Abstract

This article aims to present and analyze the results of an investigation into the linguistic repertoire of children, based on their appropriation of popular sayings, as well as to verify the meaning produced by the child. The project was part of the Center for Studies and Research in Psychoanalysis and Language (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise e Linguagem - NEPSAL) of Centro Universitário Geraldo Di Biasi. The qualitative research was based on the theoretical frameworks of Freud and Lacan, among other authors, which privilege the dimension of Language. The study emphasized the articulation between language, subjectivity, and culture, exploring that even a popular saying, transmitted by a cultural group, can present an absolutely unique meaning, especially considering the child, whose insertion and appropriation of cultural elements is under construction and presents a less abstract thought process. It concludes that there are temporal and spatial variables that mark the children's responses, but, above all, the influence of a new digital paradigm, which distances children from their more ancestral cultural roots.

Keywords

Psychoanalysis, Language, Child, Popular sayings, Culture.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 05/01/2026
Publicado em 30/04/2026

1 INTRODUÇÃO

No final do ano de 2024, as redes sociais, mais especificamente o *TikTok*, apresentaram uma nova *trend*, ou seja, uma tendência que representa um conteúdo digital que ganha grande destaque e popularidade e, conseqüentemente, passa a ser muito visualizado, compartilhado e reproduzido. Tratava-se de crianças de idades variadas, que eram gravadas por seus pais completando ditados populares e, pelas repostas inusitadas que davam, geraram milhões de visualizações (REVISTA CRESCER, nov. 2024). A graça da brincadeira é que em geral as crianças não conheciam os ditados e as respostas que davam refletiam a lógica própria que desenvolviam a partir dos enunciados que lhes eram apresentados. A partir desta *trend* algumas questões acerca da relação da criança com a linguagem foram suscitadas, com base no conceito de Simbólico de Lacan, o qual articula as descobertas da Psicanálise com os estudos da Linguística.

De acordo com a psicanálise, o ser humano, ao nascer, está marcado por uma falta originária e para sair deste estado de desamparo original, se liga ao Outro assujeitando-se àquilo que lhe é oferecido, tornando-se essencialmente um ser de linguagem: *fala-a-ser* (*parlêtre*, segundo o termo proposto por Lacan). O humano especifica-se pela fala (JORGE, 2000), ao assujeitar-se à estrutura da linguagem, torna-se sujeito, desdobrando-se sob seus efeitos. A linguagem nos vem de fora, dos outros que já estão no mundo e, assim, se dá a dinâmica da constituição do sujeito: a fala é necessariamente vascularizada pelas vozes da cultura da qual faz parte (LONGO, 2006).

Entre as diversas produções simbólicas estão as expressões artísticas e linguísticas, sendo o ditado popular uma forma de literatura oral. Segundo Lacerda (2008), o ditado popular ou provérbio trata-se de uma sentença expressa por poucas palavras — máximas, adágios e ditados — que se tornaram populares e expressam ideias ou pensamentos de forma figurativa. Enquanto uma frase do senso comum, com texto mínimo e de autor desconhecido, mas, ainda assim, repetido e transmitido em determinado meio cultural, os provérbios fazem parte da riqueza do simbólico, também chamado por Lacan de tesouro dos significantes (JORGE, op. cit.). Ao entender o ditado popular como uma expressão sem autor específico, mas de grande potência no discurso dos brasileiros, consideramos que: “A literatura oral brasileira reúne todas as manifestações da recreação popular, mantidas pela tradição, e se compõe pelos elementos trazidos pelas três raças (indígena, portuguesa e africana), com o objetivo de ser memorizada e utilizada pelo povo atual” (LACERDA, 2008, p. 9). Encontram-se nos ditados populares questões morais e reflexões sobre lealdade e generosidade; ou seja, são reflexões sobre o cotidiano, utilizadas e disseminadas de forma corriqueira.

Assim, nos interrogamos: sendo os ditados populares uma construção, transmitida dentro de uma cultura, a partir de qual idade é possível verificar que as crianças reproduzem os ditados “corretamente” em vez de completarem as sentenças segundo suas próprias criações? E ainda, com base na teoria do significante de Lacan, a qual sustenta que o significado desliza sob o significante (LACAN, 1953

[1998]), ou seja, não há uma relação indissociável entre ambos, quando as crianças completam um ditado “corretamente”, qual o sentido que elas atribuem a ele? É o sentido compartilhado culturalmente, ou há uma interpretação única para aquele enunciado que é reproduzido?

Para responder tais questões, esta pesquisa submeteu trinta e sete crianças de idades entre 05 e 10 anos a um questionário com ditados populares selecionados para que fossem completados por elas. Sua relevância se apoia na importância da construção do repertório linguístico pela criança, com base no resgate da cultura de seu povo e de sua língua e os efeitos subjetivantes que a inserção no campo Simbólico produz. A hipótese mais imediata é de que quanto mais velhas as crianças, maior seu conhecimento e apropriação dos ditados populares. No entanto, consideramos que o contexto atual, em que o uso excessivo de telas, o consumo de conteúdos importados que distanciam a criança de suas raízes culturais, além de variáveis sociais, econômicas, entre outras, podem interferir neste resultado.

Um projeto de pesquisa se justifica na medida em que visa produzir conhecimento científico, de modo a entender melhor seu objeto e modificar positivamente a vida dos sujeitos e da sociedade como um todo. Além disso, a pesquisa proporciona aos acadêmicos contato com o meio científico, incutindo nos mesmos o gosto pela investigação e produção de conhecimento, aspecto fundamental para uma formação integrada ao ensino e à extensão. Como parte integrante do NEPSAL (Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Linguagem) este projeto visou produzir conhecimento acerca de temas pertinentes à linguagem a partir do referencial teórico da psicanálise. Mais propriamente, tratou-se de uma pesquisa relacionada à inserção e apropriação da cultura pela criança, em diferentes idades, a partir de ditados populares. Sua relevância se apoia na importância do estudo da construção do repertório linguístico pela criança, com base no resgate da cultura de seu povo e de sua língua e os efeitos subjetivantes que a inserção no campo Simbólico produz.

2 A PSICANÁLISE E A DESCOBERTA DO INCONSCIENTE

A Psicanálise, campo de estudo fundado por Sigmund Freud no final do Século XIX opera um corte radical em relação aos saberes sobre o homem, ao deslocar o sujeito, supostamente racional, para o domínio do inconsciente, em que é regido por aquilo que desconhece: seus impulsos inconscientes. Este deslocamento, chamado por Freud de “terceira ferida narcísica” (FREUD, 1915-16 [1996]) muda toda a concepção que se tem do homem, não mais um indivíduo (não dividido), mas, segundo a perspectiva da Psicanálise, um sujeito, *subjecto*, aquele que está sob assujeitado ao campo da linguagem (ELIA, 2004), o que tem como um dos efeitos sua própria divisão em consciente e inconsciente.

A descoberta do inconsciente por Freud revela que a fronteira entre o normal e o patológico é muito mais tênue e artificial do que podemos supor, ou seja, se inicialmente psicopatológico é o que deveria ser excluído do convívio social. A partir de então, podemos conceber como há muito mais uma continuidade do que uma ruptura entre “normal” e “patológico”, ou seja, não apenas os “doentes mentais” estão sujeitos aos caprichos do inconsciente, mas também o dito “normal”. Em seus primeiros

escritos psicanalíticos é possível destacarmos o que MAC Jorge chama de ciclo do inconsciente (JORGE, op.cit), o qual inclui textos que articulam a relação do inconsciente com a linguagem, o que Lacan chama de “textos canônicos” em matéria de linguagem. Escritos freudianos como *A Interpretação dos Sonhos*, *A psicopatologia da vida cotidiana* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* atestam que o inconsciente não comparece apenas nos sintomas neuróticos, mas o mesmo mecanismo que opera na formação dos sintomas produz uma série de fenômenos, que aparecem nos sonhos e na linguagem, o que Freud chama de formações do inconsciente (JORGE, op cit).

Assim, é possível afirmar, com todo o rigor, que uma das principais teses de Jacques Lacan, psiquiatra e psicanalista francês segundo a qual “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1953, [1998]) encontra suas origens na obra freudiana, sobretudo nos textos supracitados. Com esta tese Lacan traz a perspectiva de explorar a ideia do Inconsciente Linguagem, a possibilidade de recriar a experiência freudiana com o aparato que passa a dispor em sua época: essencialmente os campos da Antropologia Estrutural e da Linguística (JORGE & FERREIRA, 2005).

É com base no livro *Curso de Linguística Geral*, publicado a partir das anotações de Charles Bally e Albert Sechehaye, alunos que frequentaram o curso do suíço Ferdinand Saussure [1857-1913] na Universidade de Genebra que Lacan tem acesso às teses deste linguista. Na realidade, Roman Jakobson, um linguista russo, foi o primeiro a estabelecer uma correspondência entre Saussure e Freud e é quem dá a Lacan a sacada para formular o aforisma do inconsciente estruturado como uma linguagem (JORGE, 2000). Ao afirmar que nas formações do inconsciente (sintomas, sonhos, atos falhos e chistes), os deslocamentos e condensações produzidos nada mais são que mecanismos da linguagem, Lacan traz a Psicanálise de volta para seu campo específico, a Linguagem, do qual os analistas pós freudianos haviam se afastados. Segundo Lacan: “a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização no ser. Desconhecer isso é condenar a descoberta ao esquecimento, a experiência à ruína” (JORGE, op.cit., p.65)

Lacan articula a Linguagem e o inconsciente ao que ele chama campo do Simbólico ou do Outro: campo que insere o homem na cultura, inaugura uma nova forma de lidar com o meio através dos símbolos. Trata-se de um campo que nos antecede e nos sucede, de forma que tudo que recebemos vem do Outro, inclusive a Linguagem. Até mesmo aquilo que nos é mais singular, nosso próprio nome, vem do Outro; os significantes que usamos, que nos definem, que nos pertencem, já existiam antes de nós; os ditos, estórias, anedotas, lendas, mitos e ditados, fazem parte do mundo simbólico e são compartilhados e apropriados por nós. Os ditados populares, enquanto uma frase baseada no senso comum, com texto mínimo, de autor desconhecido, mas, ainda assim, repetido e transmitido em determinado meio cultural, fazem parte da riqueza do Simbólico, também chamado por Lacan de tesouro dos significantes (JORGE & FERREIRA, op. cit.).

O significante é um dos conceitos importados da Linguística de Saussure e, segundo Lacan, “constitui a unidade mínima do inconsciente” (JORGE, op.cit). De acordo com Lacan, rigorosamente, o significante não significa nada e o significado aparece *a posteriori*, a partir de sua articulação com outros significantes, na chamada cadeia significante (S1, S2,...Sn). Isso implica que, para Lacan, o significante e o significado são dissociáveis, ao contrário do que era preconizado por Saussure em sua definição do signo linguístico: uma unidade indissociável composta por significante – a imagem acústica – e significado – o conceito (LACAN, 1957, [1998]). Assim, afirmar que o significado desliza sob o significante revela que um mesmo significante, ou um mesmo enunciado, pode apresentar significados diferentes, segundo aquele que diz (e aquele que ouve!). Neste sentido, mesmo um ditado popular, que é transmitido e reproduzido por um grupo cultural, pode apresentar, para determinado sujeito, um significado absolutamente singular, principalmente se considerarmos uma criança, cuja inserção e apropriação dos elementos culturais está em construção e apresenta um pensamento menos abstrato.

2.1 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A forma como as crianças desenvolvem a linguagem é um assunto complexo, e ainda não existe um consenso sobre como isso acontece exatamente. Diferentes teorias trazem explicações variadas: algumas falam de capacidades inatas, outras destacam a importância da repetição e do reforço, e há quem diga que tudo se desenvolve a partir da interação com o ambiente social. Apesar dessas diferenças, uma ideia aparece com clareza: a linguagem se constrói no contato com as pessoas e com a cultura que nos cerca.

As teorias *Cognitivista* (J. Piaget) e *Interacionista* (L. S. Vygotsky), consideram a construção do conhecimento do indivíduo a partir da interação da criança com o ambiente (mundo físico) e, posteriormente, a partir das trocas comunicativas entre a criança e o adulto. Tais teorias, que entendem a aquisição da linguagem como uma construção, fazem parte do *Construtivismo*.

O desenvolvimento da linguagem está diretamente associado à cognição, de modo que tanto a aquisição quanto o uso da linguagem derivam do avanço cognitivo da criança. Vygotsky enfatiza que não se interessa pela linguagem em si, mas pelo papel que ela exerce na construção do pensamento. Para ele, a linguagem se forma nas interações do sujeito com o mundo, especialmente quando esse contato ocorre com adultos, em situações de troca social. Assim, a linguagem surge da experiência e da comunicação estabelecida nesses contextos (DEL RÉ, 2010).

Piaget, por sua vez, descreve o desenvolvimento cognitivo como um processo que se organiza em estágios. O primeiro é o sensório-motor, que vai do nascimento até cerca de dois anos de idade, no qual a criança constrói noções básicas a partir da ação direta sobre o ambiente. Em seguida, ocorre o pré-operatório, entre aproximadamente 2 e 7 anos, marcado pelo uso de símbolos e pelo pensamento representativo. Posteriormente, no estágio operatório-concreto, a partir de 11 ou 12 anos, a criança já é capaz de realizar operações lógicas aplicadas a situações reais e concretas (DEL RÉ, op.cit).

Inspirado em Vygotsky, surge o *Interacionismo social*, que pressupõe que o desenvolvimento linguístico da criança se dá a partir da associação entre a interação social e a troca comunicativa com um outro, não necessariamente com um adulto, mas também com outra criança.

Uma de suas vertentes, o sócio interacionismo, compreende a linguagem como resultado da interação dialógica entre a criança e o interlocutor. Nessa perspectiva, a criança e o outro assumem papéis de sujeitos no diálogo, ocorre a segmentação da ação e dos objetos do mundo físico e, além disso, a criança atua ativamente na construção de sua própria língua. Esse processo não é unilateral, mas acontece de maneira conjunta, envolvendo tanto a criança quanto o interlocutor. Assim, a aquisição da linguagem se dá a partir de esquemas interacionais que a criança internaliza durante seu percurso, incorporando elementos da fala adulta (DEL RÉ, op. cit).

Recentemente, Lemos revisou essa teoria e passou a chamá-la apenas de *interacionismo*, ao revisar textos do linguista Ferdinand Saussure e do psicanalista Jacques Lacan. Lemos passou a ser contrária à ideia da aquisição da linguagem enquanto construção do conhecimento, afirmando que, assim como o adulto, a criança se move na mesma estrutura da língua. A autora destaca três momentos distintos na relação da criança com a língua. No primeiro momento, a criança é "falada pelo outro", ou seja, sua fala é predominantemente uma repetição ou imitação dos enunciados do adulto, sem plena consciência de sua própria expressão linguística. No segundo momento, a criança começa a "falar a língua", utilizando as estruturas linguísticas de forma mais autônoma, embora ainda possa ocorrer certa impermeabilidade às correções do adulto. No terceiro momento, a criança "se ouve e se fala", alcançando um nível de reflexão sobre sua própria fala, sendo capaz de reformular e corrigir seus próprios enunciados, assumindo uma posição ativa na comunicação (LE MOS, 2000; CARVALHO, 2021). Esses três momentos propostos por Lemos mostram como a criança vai deixando de ser apenas uma receptora da linguagem para se tornar sujeito ativo do discurso.

A psicanálise, por sua vez, vai enfatizar a relação da criança com a linguagem não pela via da consciência e da cognição, mas como aspectos inconscientes compõem nestes processos. Assim, a questão da linguagem está intimamente ligada à constituição subjetiva, que se articula ao lugar que ocupamos no desejo daqueles que nos cercam, à transmissão da lei simbólica inconsciente e ao modo particular como cada um responde a isso. É o que desenvolveremos a seguir.

2.2 CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA E LINGUAGEM

Quando falamos de sujeito na Psicanálise, de saída é importante apontarmos alguns elementos que situem com precisão do que esta categoria trata. Inicialmente é importante diferenciar o sujeito do indivíduo, da pessoa, do ser humano. Conforme mencionado, sujeito implica uma relação de assujeitamento ao campo da Linguagem e da Cultura – ao que Lacan chama Simbólico - na qual está imerso e que preexiste à sua chegada no mundo. Além disso, o sujeito não é correlato ao nascimento, ou seja, pode-se existir, mas não se tornar sujeito. Neste sentido, afirma Costa: "Para fazer uso da

linguagem é necessário ser sujeito" (COSTA, 2007, p. 62), sujeito esse que não é inato, e sim constituído a partir da sua relação com o Outro e o campo da linguagem.

É importante destacar que a constituição do sujeito se dá a partir de operações situadas em um tempo lógico e não cronológico, ou seja, não segue uma ideia clássica de progressão, são momentos subjetivos que se entrecruzam. Segundo Roman Faria, (2021) ao longo de seu ensino Lacan aborda a constituição do sujeito a partir de três vertentes: o Estádio do Espelho, o Complexo de Édipo e as operações de Alienação e Separação, referenciadas, respectivamente, ao Imaginário, ao Simbólico e ao Real, conceitos formulados por para pensar o psiquismo e o modo como apreendemos tudo à nossa volta.

Do ponto de vista do Imaginário, Lacan postula o estágio do espelho, ordenado essencialmente a partir de uma experiência de identificação fundamental, no curso da qual a criança conquista a imagem de seu próprio corpo (LACAN, 1949, [1998]). Segundo o autor, a partir dessa identificação fundamental o bebê sai de uma vivência de corpo fragmentado, que se dá a partir de zonas erógenas e se identifica com uma imagem unificada no espelho. É a partir desta experiência que se forma o "Eu" como uma totalidade corporal, passando o bebê a se reconhecer e a se diferenciar do outro, enquanto semelhante (op. cit).

No Complexo de Édipo ocorre a inscrição da lei simbólica da castração, a qual regula a relação com o desejo. Ainda que se fale em constituição subjetiva, Dolto (2018) postula que a criança, ao nascer, já está inserida na estrutura do desejo do Outro. A partir do encontro com o Outro - geralmente, de início, lugar simbólico materno - Lacan supõe uma questão que surge no bebê, a partir da qual se interroga o que o Outro deseja dele. Em um momento lógico inicial, a criança, que está numa relação fusional com a mãe, se entende como aquilo que falta à mãe. No entanto, com a entrada de um terceiro elemento, que pode ser o pai ou qualquer outra coisa que faça barra a esta relação dual, a criança sente uma interdição, de forma que ela não é tudo que a mãe deseja e não terá a mãe só para ela. Isto é o que chamamos castração, uma barra que aponta que ter tudo é impossível. O fundamental do processo edípiano é a simbolização de que a lei está para todos, ou seja, até mesmo este objeto que supostamente faz a mãe desejar, está sujeito à lei da castração (COSTA, op. cit). O Complexo de Édipo é considerado o eixo fundamental em torno do qual se delineia a psicopatologia psicanalítica. Sendo assim, é na passagem pelo Édipo que se definirá o que Lacan vai chamar de modo de funcionamento psíquico ou estruturas clínicas: neurose, psicose ou perversão. Não é nosso propósito aqui explorar este aspecto clínico, pois isso demandaria um extenso desenvolvimento que foge ao tema central do trabalho, mas faz -se importante apontar que se trata essencialmente de diferentes posições que o sujeito assume frente à lei, ao desejo do Outro e à linguagem.

Alienação e separação aparecem mais adiante no ensino de Lacan, momento em que este, se valendo da Matemática e da Lógica, inclui estas operações para pensar que a alienação fundamental no campo da linguagem deixa um resto e nem tudo é passível de ser simbolizado. Assim, o sentido encontrado no campo do Outro é limitado, há um real em jogo e, por este motivo, a alienação implica uma separação do Outro. Faz-se importante apontar que é possível considerar estas três vertentes uma só e mesma teoria da constituição do sujeito, uma vez que todas elas se baseiam em elementos da obra de Freud e partem dos mesmos princípios: o sujeito não é inato, ele se constitui; esta constituição é lógica, ou seja, não é fruto do desenvolvimento; esta constituição depende do campo da linguagem (ROMAIN FARIA, op.cit).

3 METODOLOGIA

O método utilizado na pesquisa foi qualitativo, de caráter exploratório, o qual envolveu tanto pesquisa bibliográfica, quanto a aplicação de questionário, para posterior análise das respostas. A proposição do questionário como prática investigativa possibilitou a análise qualitativa dos dados, associada a uma análise quantitativa, considerado o melhor método para esta pesquisa. A utilização mista dos métodos contemplou não só dados numéricos e tratamento estatístico relativo aos temas propostos, mas apontou a singularidade presente no discurso dos entrevistados.

Os participantes da pesquisa foram crianças de 05 a 10 anos, cursando do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, de escolas públicas e particulares. Entrevistamos uma amostra de trinta e sete (37) sujeitos. A partir da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, atualmente em vigor, o Brasil passa a ocupar um alto nível de padrão ético em suas pesquisas. Desta forma, foram seguidos os critérios fundamentais para pesquisa em seres humanos baseados nos princípios bioéticos consagrados da autonomia, beneficência, não maleficência e justiça, incluindo assinatura dos termos de consentimento livre e esclarecido pelas crianças e responsáveis. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (Fundação Educacional Rosemar Pimentel - Centro Universitário Geraldo Di Biase) e aprovada. O contato para captação das crianças foi realizado por abordagem direta aos pais ou por indicação, quando foi explicado o propósito da pesquisa e disponibilizado o contato da professora responsável pelo grupo, via carta convite. A aplicação dos questionários foi gravada em formato de áudio, arquivadas no drive pessoal da coordenadora da pesquisa e o material será destruído após 12 meses do final da pesquisa.

A pesquisa em psicanálise comporta peculiaridades relacionadas ao próprio campo que constitui. Assim, Elia (2000), afirma que toda pesquisa em psicanálise será, inevitavelmente, uma pesquisa clínica, uma vez que a relação inerente com o inconsciente é uma dimensão fundamental que a pesquisa possui na prática analítica. Uma das principais contribuições da Psicanálise para o contexto de pesquisa, trata de considerar que não há possibilidade de isolamento pesquisador/objeto tal como no método experimental, por exemplo.

Em relação aos procedimentos específicos, inicialmente foi realizado levantamento e estudo de bibliografia envolvendo os seguintes temas: constituição subjetiva e aquisição da linguagem, articulação entre inconsciente e linguagem com base no conceito de Simbólico de Jacques Lacan e ditados populares e cultura. Paralelamente foi elaborado um questionário sociodemográfico e feita a seleção de dez (10) ditados populares para serem apresentados e completados pelas crianças (Anexo). Como já mencionado, foi realizado contato com os pais e/ou responsáveis e, mediante autorização, a aplicação do questionário em local confortável para a criança, respeitando o tempo de cada criança durante o processo, que levava em média dez a quinze minutos. Posteriormente os dados foram registrados, analisados e discutidos pelos pesquisadores. Em uma primeira etapa da análise, mais quantitativa, identificamos a quantidade de crianças por idade, perfil sociodemográfico e quais os ditados que tiveram mais acertos e mais erros aos serem completados. Em seguida partiu-se para a análise qualitativa das respostas, considerando o aspecto mais subjetivo dos resultados.

4 RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Do ponto de vista quantitativo, a análise do questionário mostrou dados sociodemográficos segundo a tabela abaixo:

IDADE	GÊNERO	RAÇA	ENSINO
5-6: 9	Feminino:22	Negra:11	Público: 21
7-8: 14	Masculino:15	Branca:24	Privado:16
9-10:14	Não declarado:1	Não declarado:2	
Total: 37			

Fonte: autor

A análise qualitativa das respostas, por sua vez, nos levou a destacar duas linhas principais para discussão dos resultados. Uma via procura mostrar como a era digital promove efeitos subjetivos e modificações na relação da criança com a cultura e a linguagem, tomando como ponto de partida os ditados populares. Outra linha expõe aspectos mais individuais das respostas, considerando a subjetividade da criança e o contexto em que está inserido.

4.1 CULTURA E ERA DIGITAL

Em *O Mal-estar Na Civilização* (FREUD, 1930, [1996]), Freud descreve cultura como tudo aquilo que fez com que a vida humana se elevasse acima da condição animal, isto é, a articulação da interioridade de uma situação individual à exterioridade de um código universal. De um lado, os impulsos que vêm de dentro do sujeito, do outro, aquilo que regulamenta as ações do sujeito com o outro

(FUKS, 2003). Através da *Kultur*, meios se articulam: arte, política, religião e moral, e o mal-estar se faz presente, pois exige uma renúncia da satisfação pulsional para a vida em grupo. A falta de instinto e de um objeto específico para nossa satisfação nos separa do campo da natureza e faz com que nossas demandas passem pela linguagem, ou seja, somos seres de linguagem, produtores de arte, de literatura e outras manifestações de cultura.

Os ditados populares, também chamados provérbios ou expressões idiomáticas, são um gênero discursivo milenar transmitido por meio da oralidade. Assim como outras manifestações culturais, revelam os valores, costumes e tradições de um povo, perpetuando o conhecimento produzido por esta comunidade. A análise dos resultados possibilitou uma articulação entre cultura e contemporaneidade, na medida em que a grande maioria das crianças desconhecia os ditados populares ou, quando já tinha ouvido falar de algum deles, era oriundo de algum meio digital.

A partir do surgimento da televisão, a reunião nas casas passou a ser em torno de uma tela, para assistir determinado programa disponibilizado por uma rede de transmissão. Fosse o noticiário, a novela ou um programa de auditório, conteúdo passava a fazer parte da vida das pessoas como tema das conversas. Muitas vezes este hábito gerava disputa ou mesmo discordância em torno da programação, mas havia uma interação em tempo real entre as pessoas ao assistirem em família ou em grupo um programa de televisão. O próprio formato como as emissoras operavam, com intervalos comerciais, programas voltados para públicos específicos, como o infantil, por exemplo, em diferentes horários, favorecia a espera, pausas, e, conseqüentemente, a busca por outras atividades. Ou seja, por não funcionar segundo o algoritmo e não ser portátil, a televisão não satisfazia as demandas de forma imediata e contínua.

Os avanços tecnológicos e as mudanças nos âmbitos social, econômico e cultural afetou sobremaneira a relação das pessoas com a TV, e significativamente, no que diz respeito às crianças. Em um primeiro momento, os canais pagos e posteriormente as plataformas *on demand* - em que se escolhe quando e o que assistir - promoveram uma primeira baixa na chamada TV aberta, aquela que opera segundo concessões públicas e tem seu conteúdo disponibilizado gratuitamente para todos.

Atualmente há poucos programas voltados para crianças em rede aberta e seu desaparecimento encontra explicação na Resolução 163 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA) que dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente. Tal resolução dispõe sobre “a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente” e desencadeou retirada das propagandas dirigidas ao público infantil dos meios de comunicação tradicionais e, secundariamente, praticamente o fim da programação infantil dos canais abertos. As emissoras e concessões públicas foram obrigadas a veicular programação infantil dando preferência a programas com “finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”, conforme determinou o artigo 221 da Constituição Federal. Com isso, as crianças que não se interessavam por estes conteúdos acabaram migrando para

esses outros formatos, onde podem selecionar o que assistir, conforme seu gosto. A ampla possibilidade de acessar qualquer conteúdo, pode gerar uma sensação de liberdade, no entanto, trata-se de um equívoco. Conteúdos no *feed* - página inicial do *Instagram*, que mostra as publicações de outros usuários - ou na *For You* - literalmente “Para você”, que exhibe conteúdos que são relevantes para cada um, individualmente - são disponibilizados de acordo com o algoritmo da plataforma, para cada usuário, inclusive crianças.

Além disso, o crescimento da Internet e o uso de telas portáteis, particularmente, *smartphones*, fez surgir um processo de individualização no consumo e mudanças nos modos de subjetivação. Os autores Levy e Monteiro (2019) apud Jerusalinsky (2019), afirmam que o ser humano da atualidade é um ser exaurido pela compulsão: há um excesso na era digital; outrossim, houve uma transformação nos modos de estabelecer laço social e nas formas discursivas de sustentar subjetivamente as experiências.

Rouanet aponta ainda a fragmentação da subjetividade ocorrida nas últimas décadas, levando a construção de outras modalidades de subjetivação, na qual o eu se encontra situado em posição privilegiada. (ROUANET, 2017)

Assim, consideramos que o contexto atual, em que o uso excessivo de telas, o consumo de conteúdos importados que distanciam a criança de suas raízes culturais, além de variáveis sociais, econômicas, entre outras, desempenham um papel significativo na relação da criança com os ditados populares. A Era em que vivemos, com acesso à tecnologia e transmissão de diferentes conteúdos do mundo todo, disponibiliza para as crianças uma diversidade de informações, em especial sob a forma de vídeos curtos em plataformas digitais e jogos, que leva a novas possibilidades de interação e expressão. Isso fica evidente nas falas de várias crianças durante as entrevistas, ao associarem algum ditado popular a vídeos do *TikTok* ou *Youtube*, por exemplo, ao invés de terem ouvido em outro contexto que não o digital.

Os ditados populares, poderiam ser conhecidos de brincadeiras, canções, jogos de palavras, além da interação com pessoas mais velhas; mas não é isso que ocorre. A diminuição do acesso das crianças a experiências presenciais, em grupo, seja com outras crianças ou com familiares, influencia no desconhecimento dos provérbios, assim como a presença maciça de conteúdos importados, americanizados, em detrimento dos nativos.

O brincar como experiência de cultura já foi abordado por diversos autores, destacando sua importância e relação intrínseca no desenvolvimento (WINICOTT, 1971, [1975]). A brincadeira é uma forma privilegiada de interação com os outros, com os objetos e a natureza à sua volta. Freud considera o brincar uma atividade mental muito importante, da qual o ser humano nunca abre mão e que aparece nos adultos sob a forma de fantasia (FREUD, 1908 [1907], [1996]). Brincando, as crianças se apropriam criativamente de formas de ação social tipicamente humanas e de práticas sociais específicas dos grupos aos quais pertencem, aprendendo sobre si mesmas e sobre o mundo em que vivem.

Atualmente, a vida tem seguido de maneira rápida, não se vivencia o tempo da mesma forma que

algumas décadas atrás. Há uma demanda por imediatismo e performance a todo custo, seja em termos materiais, como comprar aparelhos com tecnologia cada vez mais avançada, seja no âmbito da linguagem, com gírias e termos que vêm e vão, modificando-se e sendo substituídos a todo momento, postagens em redes sociais que precisam ter muitas curtidas e comentários rapidamente. Isso é atestado também no campo dos relacionamentos, mais breves e empobrecidos afetivamente, em que aplicativos se tornaram um recurso cada vez mais comum para conhecer pessoas e marcar encontros: “[...] o contato face a face é substituído pelo contato tela a tela dos monitores” (BAUMAN, 2011, p. 27).

Bauman disserta a respeito disso em *Modernidade Líquida* (2001), fazendo uma contraposição ao que anteriormente denomina de modernidade sólida — que são as relações sociais, a ciência e o pensamento — era mais rígida; havia durabilidade e a necessidade de cuidado com a tradição, em todas as situações. Com o aumento da tecnologia e do consumismo gerado pelo capitalismo no processo de globalização, a sociedade se tornou líquida, fluida e rápida, causando fragilidade nas instituições e uma mudança na condição humana, que se deu e se dá gradativamente. Lançamentos e valores novos são compartilhados de maneira ágil nas redes sociais, de forma que há uma profunda mudança na condição humana e nas subjetividades, fruto do advento da ‘modernidade fluida (BAUMAN, 2001).

Assim, se há uma perda das tradições, há também uma perda dos ditados populares, por exemplo, porque não são passados às novas gerações e, quando são, logo são “esquecidos” e substituídos por algum termo mais atual. Favorece-se o hedonismo momentâneo e o esquecimento das raízes e dos significados outrora compartilhados, de forma que o que se tem é “[...] colapso do pensamento, do planejamento e da ação no longo prazo” (BAUMAN, 2007, p. 9). O ser torna-se cada vez mais condicionado pelo capitalismo, pela necessidade de estar informado a todo momento, pela busca do falso prazer de estar atualizado.

4.2 CONTEÚDO DAS RESPOSTAS

Outra dimensão da pesquisa se debruçou na análise do conteúdo das respostas, enfatizando a relação significante/significado e a singularidade da criança neste processo. Na linguagem, falada ou “brincada” encontramos formas do desejo inconsciente se expressar articulado à forma como a criança se situa no mundo simbólico. Neste sentido, buscamos entender como a resposta ao ditado popular revela a subjetividade da criança. Para tanto, apresentamos alguns pontos que destacamos como significativos na análise do conteúdo das respostas: o contexto em que a criança vive, tanto em termos temporais quanto espaciais, características próprias da linguagem apresentadas pelas crianças em determinadas idades e a dimensão moral que aparece nos ditados.

Nos provérbios, a sabedoria popular é transmitida por meio de experiências de vida e da conclusão retirada de numerosas e repetidas vivências no campo das relações morais entre os sujeitos (LACERDA, 2008). Em relação ao contexto, destacamos como exemplo um recorte regional obtido na pesquisa, em que uma criança, ao completar o ditado “Onde há fumaça, há fogo”, responde: “Onde há fumaça, há

CSN”, o qual explicita a singularidade da criança que reside em Volta Redonda. Já em relação à questão temporal, várias crianças responderam “Roupa suja se lava em máquina (ou máquina de lavar)”, denotando o avanço tecnológico que o eletrodoméstico exemplifica e que não seria possível pensar como resposta antigamente.

A utilização de sinônimos foi outro elemento recorrente nas respostas. É importante destacar que as palavras raramente possuem o mesmo sentido de forma absoluta, embora possam apresentar estreita semelhança semântica, a depender do contexto em que estão inseridas, uma vez que não se trata de palavras isoladas, mas do enunciado como um todo. Apesar do consenso contemporâneo de que sinônimos perfeitos não existem, pode-se afirmar que há substituições que se aproximam do sentido original, dependendo especialmente da intenção comunicativa e do público a que se destinam, ou seja, o uso das palavras é marcado pela subjetividade e pela conotação (ABRAHÃO, 2018 apud NOGUEIRA, 2021). Em outras palavras, sob o viés da psicanálise, o significante encontra-se liberto da fixidez do significado.

Com base nos ditados populares utilizados na entrevista, foi possível observar o processo de apropriação de sentido por parte da criança. Destaca-se, especialmente, o ditado popular “cada macaco no seu (galho)”, no qual o provérbio funciona como um significante cristalizado e ancorado na cultura, cujo sentido compartilhado refere-se à ideia de que cada pessoa deve cuidar da própria vida. Ao observar que as crianças utilizaram sinônimos ao completar o referido ditado, pode-se considerar tal substituição como bem-sucedida, uma vez que a cultura visa certa estabilidade de significado em relação aos provérbios. À medida que um significante não é encontrado — possivelmente por ainda não ter sido plenamente apropriado —, insere-se um significante substituto, capaz de sustentar uma significação semelhante àquela culturalmente compartilhada. Por meio da substituição metafórica, torna-se possível estabilizar um sentido. Essa análise permite considerar, a partir da linguística e da psicanálise, que no caso dos ditados populares não se sustenta a primazia absoluta do significante. O significado pode estar suficientemente internalizado a ponto de ser recuperado por meio de outro significante, funcionando como um sinônimo conceitual.

Algumas peculiaridades da linguagem fizeram-se presentes nas respostas. Quando falamos em sentido literal, estamos nos referindo ao significado mais básico de um enunciado, isto é, aquilo que pode ser compreendido sem recorrer a informações externas ao que foi dito. No entanto, na prática, grande parte das produções linguísticas não se esgota nesse nível. Muitos sentidos não estão explicitamente colocados e só se constroem a partir da ação conjunta dos interlocutores, mobilizando elementos que ultrapassam a materialidade da língua, como fatores sociais, culturais e situacionais. Assim, o que é dito funciona mais como um ponto de partida do que como o destino final da interpretação.

A ironia é um exemplo expressivo desse funcionamento da linguagem. Trata-se de um fenômeno antigo e extremamente recorrente, presente em conversas cotidianas, discursos políticos, textos literários

e produções midiáticas. Sua interpretação exige que o interlocutor vá além da leitura literal, uma vez que o sentido pretendido dificilmente coincide com aquilo que é enunciado de forma direta.

Nos estudos de Piaget, observa-se esse tensionamento entre forma e sentido quando crianças são convidadas a relacionar provérbios a enunciados considerados equivalentes. Embora conseguissem estabelecer alguma relação entre as expressões, elas não alcançavam sua dimensão moral. Piaget descreve esse funcionamento como sincretismo: a criança se apoia na forma do enunciado — uma palavra destacada, a sonoridade ou a estrutura — mais do que em seu conteúdo cultural. Essa constatação levanta questões importantes para este trabalho: os ditados populares, por serem expressões cristalizadas culturalmente, exigem processos interpretativos diferentes daqueles envolvidos na metáfora e na ironia? E em qual desses mecanismos o contexto sociocultural exerce maior peso? Considerando que as pesquisas de Piaget foram realizadas em outro contexto histórico, torna-se inevitável questionar se as crianças daquele período teriam uma relação distinta com a linguagem em comparação às crianças de hoje, que crescem imersas em ambientes marcados pela tecnologia, pela circulação acelerada de informações e por múltiplas formas de interação. Essa questão evidencia o quanto linguagem e cultura estão profundamente entrelaçadas e como transformações sociais atravessam os modos de apropriação da língua.

A psicanálise permite acrescentar uma nova camada a essa discussão. Como já mencionado, para Lacan, o sujeito se constitui na e pela linguagem, sendo atravessado por significantes que o antecedem. Nesse sentido, quando a criança se fixa na forma do enunciado, como no sincretismo descrito por Piaget, isso pode ser compreendido como efeito da anterioridade do Outro. A criança apreende elementos da cadeia significante antes de conseguir articular plenamente o campo simbólico que sustenta o sentido. Assim, a dificuldade em apreender o aspecto moral dos provérbios não é apenas cognitiva, mas também estrutural, ligada ao processo de entrada na ordem simbólica.

Garcia-Roza (2001, p. 98), ao discutir a relação entre palavra e verdade, aponta um importante enunciado freudiano segundo o qual a verdade psicanalítica não se apresenta de forma direta, mas manifesta-se por meio das ambiguidades da linguagem, dos lapsos, tropeços e equivocações. É por esse caminho que o inconsciente se expressa, em atos falhos, chistes, sonhos e sintomas, revelando sentidos que se dizem de forma distorcida, mas não aleatória. Essa perspectiva dialoga com uma indagação central de Lacan, segundo a qual o que há de mais surpreendente na linguagem configura também o que ela tem de mais problemático, a saber, que “tenha seu ponto máximo de eficácia quando ela consegue dizer alguma coisa dizendo outra” (JORGE, 2000, p. 109).

Tal característica é especialmente visível na ironia, entendida como uma figura de linguagem em que se diz algo para significar o contrário, anunciando no dito um não dito que se sustenta por marcas discursivas, entonação, contexto e intenção do sujeito. No desenvolvimento da linguagem, as primeiras manifestações de metáfora e metonímia aparecem relativamente cedo, tanto na fala egocêntrica quanto na fala socializada, como aponta De Lemos (1997). Esses mecanismos parecem fazer parte do próprio

processo de constituição linguística. A ironia e o humor, por outro lado, exigem um domínio mais sofisticado da língua e, sobretudo, uma inserção mais ampla na cultura. Não dependem apenas da língua enquanto sistema, mas da posição do sujeito dentro de uma comunidade discursiva.

Tal apontamento se fez presente nas entrevistas realizadas na pesquisa. Um dos ditados que mais chamou atenção foi “Pimenta nos olhos dos outros é refresco”, justamente pela ausência de respostas consideradas corretas. Por se tratar de um provérbio com forte dimensão irônica, evidencia a necessidade de habilidades linguísticas mais sofisticadas, que as crianças constroem progressivamente ao longo do desenvolvimento. Para compreender esse movimento, é necessário conceber a linguagem como algo simultaneamente inato e construído. Existe uma capacidade humana para a linguagem, mas sua realização depende do uso, da interação e da circulação discursiva. A língua não se reduz à estrutura: ela se efetiva no discurso, espaço em que se constroem sentidos que ultrapassam o literal e onde o sujeito aparece atravessado por dimensões conscientes, inconscientes, sociais e culturais. Dessa forma, a apropriação de sentidos não literais, como metáforas, piadas, ironias e ditados populares, configura-se como um processo gradual e diretamente relacionado à inserção da criança em sua comunidade discursiva. É nesse percurso que ela se constitui, progressivamente, como sujeito do discurso.

Um último ponto destacado diz respeito à dimensão de conselhos práticos ou ensinamento moral contido em alguns ditados populares. Em sua obra, Freud aprofunda a discussão sobre ética e consciência moral a partir da elaboração do conceito de Supereu (FREUD, 1930 [2013]). Para o autor, o Supereu representa a instância da moral social no indivíduo, funcionando como um ideal do eu que vigia, censura e atua como representante da realidade externa. Freud concebe a Lei como um mandato externo ao sujeito que é introjetado, funcionando como representante do social no interior do indivíduo. Essa internalização ocorre por meio do mecanismo de identificação com a figura que exerce a autoridade para a criança, sendo compreendida como o desfecho do Complexo de Édipo. Dessa forma, a autoridade transforma-se em Supereu, que passa a concentrar a agressividade anteriormente dirigida à figura externa (FREUD, 1924 [2011]).

Nos ditados populares, a moralidade está presente como forma de aconselhamento ou contestação, sendo transmitida de geração em geração e refletindo valores culturais. O ditado que obteve maior índice de acertos nas entrevistas com as crianças foi “Achado não é roubado”, expressão amplamente difundida na cultura brasileira. No entanto, rigorosamente falando, este provérbio é uma meia-verdade, pois segundo previsto no Art. 169 do Código Penal Brasileiro, apesar de não ser furto ou roubo, ficar com um objeto achado e não o devolver ou entregá-lo às autoridades configura “crime de apropriação de coisa achada”, com pena de detenção de um mês a um ano ou multa (art. 169, CP). Nesse sentido, há um conflito entre a legislação e o provérbio em questão, visto que a sabedoria popular sugere um alívio moral. A suspensão das imposições superegóicas sugerida por “Achado não é roubado” atende ao princípio do prazer e, assim, consideramos que contribui para uma apropriação e fixação mais fáceis do significado do ditado popular por parte da criança, explicitando seu valor subjetivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou verificar o repertório linguístico de crianças e a relação que estabelecem com a linguagem e a cultura a partir de ditados populares, também chamados provérbios. Uma primeira análise sobre a relação da criança com a cultura apontou para um afastamento de suas raízes e tradições de seu povo. Isto pode ser explicado pelo avanço da tecnologia, a qual favorece maior exposição a telas, conteúdos importados, além da diminuição do brincar criativo e em grupo, o que leva a uma forma de subjetivação individualista. Outrossim, a configuração da nossa Era, nomeada por Bauman (2001) como “líquida”, denuncia a superficialidade e fugacidade nas formas de estabelecer laço social, bem como apresenta incidências na esfera do consumo, dos relacionamentos e consequentemente na relação com a herança simbólica de seu povo e o campo da linguagem. Outra dimensão analisada na pesquisa foi o conteúdo das respostas das crianças. Evidenciou-se especificidades relacionadas ao contexto temporal e espacial em que vivem, bem como aspectos da linguagem regidos pela lógica própria com que entendiam e respondiam aos ditados, como o uso de sinônimos e a dificuldade de apreender a ironia. Chamou atenção o maior número de acertos no ditado “Achado não é roubado”, o que pode ser explicado pelo aspecto de alívio moral evidenciado no provérbio, atendendo ao princípio do prazer. Enfim, na linguagem, falada ou “brincada” encontramos formas do inconsciente se expressar, e as respostas da criança ao ditado popular revelam sua subjetividade, bem como ela reinscreve esses enunciados a partir da sua escuta e vivência.

REFERÊNCIAS:

- BRASIL. Artigo 169, Lei n. 2848/40 de 07 de dezembro de 1940 Código Pena. Rio de Janeiro, [1940]. Disponível em: www.planalto.gov.br. Acesso em: 7 fev. 2026.
- BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Resolução nº 163, de 13 de março de 2014. Dispõe sobre a abusividade do direcionamento de publicidade e de comunicação mercadológica à criança e ao adolescente. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 65, p. 110, 4 abr. 2014. [Artigo online](#)
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- COSTA, T. **Édipo**, Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- DEL RÉ, A. (org.). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- DOLTO, F. **Tudo é Linguagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018
- ELIA, L. Psicanálise: clínica e pesquisa. In: ALBERTI, Sonia; ELIA, Luciano (Orgs.). **Clínica e pesquisa em psicanálise**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.
- ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FREUD, S. 1908[1907]) Escritores criativos e devaneios, In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v9, Rio de Janeiro: Imago,1996.

_____(1915 [1916]) Fixação no trauma: o inconsciente, In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v15, Rio de Janeiro: Imago,1996

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: Obras completas, v. 16: O eu e o id, autobiografia e outros textos (1923–1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____(1930) O mal-estar na civilização, In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v18, Rio de Janeiro: Imago,1996.

FUKS, B. **Freud e a Cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GARCIA-ROZA, L.A. 1984, **Freud e o Inconsciente**, Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

JERUSALINSKY. J. **A criança em constituição na era das relações virtuais**, parte 2, São Paulo: Estadão, 2015

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan. v. 1: As bases conceituais**. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

JORGE, M. A. C & FERREIRA, N.P. **Lacan, o grande freudiano**, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, J. (1949) O Estádio do Espelho como formador da função do eu, In: **Escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

_____(1953). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, In: **Escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

_____(1957) A Instância da Letra no Inconsciente ou a razão desde Freud, , In: **Escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

LEMOS, C. T. G. de. Desenvolvimento da linguagem e processo de subjetivação. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-20, 2000. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35401004.pdf>. Acesso em: 18 set. 2025.

LONGO, L. **Linguagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

<https://revistacrescer.globo.com/maes-e-pais/historias/noticia/2024/11/onde-ha-fumaca-ha-espetinho-criancas-completam-ditados-populares-em-nova-trend-e-respostas-hilarias-surpreendem.ghml>

NOGUEIRA, S.M., A sinonímia na sala de aula: livro didático de língua portuguesa do Brasil e de Angola em uma abordagem historiográfica, in: **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, e544, 2021. DOI: 10.25189/2675-4916-2021.V2.N4.ID544.

ROMAIN FARIA, M., **Real, Simbólico e Imaginário no Ensino de Lacan**, Toro Editora, São Paulo, 2021.

ROUANET, S. P., O impacto da psicanálise na cultura e da cultura na psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, 2017.

WINNICOTT, Donald Woods. (1971) **O brincar e a realidade**, Rio de Janeiro, Imago, 1975.